

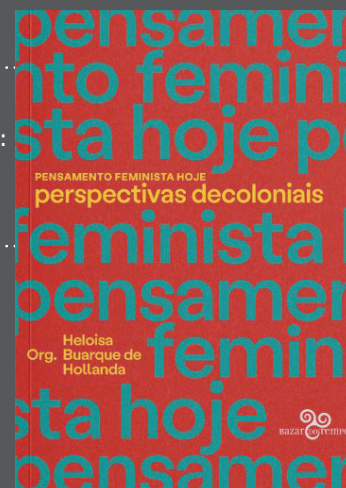
DESCOLONIZANDO OS GÊNEROS, OS ESTUDOS E OS SABERES

DECOLONIZING GENDERS, STUDIES AND KNOWLEDGE

DESCOLONIZAR GÉNEROS, ESTUDIOS Y CONOCIMIENTOS

Livro Resenhado

HOLLANDA, Heloisa B. de (Org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.



350

Muriel Emídio Pessoa do Amaral

■ Pós-doutorando em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), bolsista Capes. Doutor e Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru), doutorado sanduíche em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro (Portugal).

■ E-mail: murielamaral@yahoo.com.br

RESUMO

A proposta dessa resenha é de apresentar a obra “Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais”, organizada por Heloisa B. de Hollanda. A coletânea contempla estudos e reflexões de autoras que pretendem oferecer outros olhares às práticas feministas, reconhecendo e valorizando ações de mulheres fora do esquadro branco, eurocêntrico, burguês e que dialogam com a decolonialidade. Assim, os textos abordam experiências e posicionamentos de mulheres latino-americanas, pretas, asiáticas e uma série de representações que foram silenciadas ao longo de vários anos de negligências.

PALAVRAS-CHAVE: FEMINISMO; DECOLONIALIDADE; FEMINISMO DECOLONIAL; CONHECIMENTO; AMÉRICA LATINA.

RESUMEN

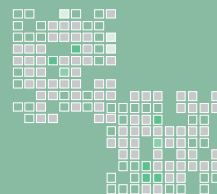
El propósito de esta revisión es presentar la obra “Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais”, organizada por Heloisa B. de Hollanda. La colección incluye estudios y reflexiones de autoras que pretenden ofrecer otras perspectivas a las prácticas feministas, reconociendo y valorando las acciones de las mujeres fuera del marco blanco, eurocéntrico, burgués y que dialogan con decolonialidad. Así, los textos abordan las vivencias y posiciones de mujeres latinoamericanas, negras, asiáticas y una serie de representaciones que han sido silenciadas durante varios años de abandono.

PALABRAS CLAVE: FEMINISMO; DECONIALIDAD; FEMINISMO DECOLONIAL; CONOCIMIENTO; LATINOAMÉRICA

ABSTRACT

The purpose of this review is to present the work “Pensamento feminist hoje: perspectivas decoloniais”, organized by Heloisa B. de Hollanda. The collection includes studies and reflections by woman authors who intend to offer other perspectives to feminist practices, recognizing and valuing the actions of women outside of whiteness, Eurocentric, bourgeois framework and who dialogue with deconoliality. Thus, the texts address the experiences and positions of Latin American, black, Asian women and a series of representations that have been silenced over several years of neglect.

KEYWORDS: FEMINISM; DECOLONIALITY; DECOLONIAL FEMINISM; KNOWLEDGE; LATIN AMERICA.



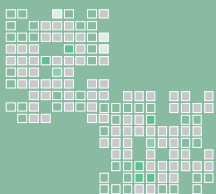
A coletânea organizada por Heloisa Buarque de Hollanda é sintoma da necessidade de contemplar outros olhares e outras iniciativas epistemológicas sobre a construção do feminismo e consagra a autora como sendo um dos expoentes dos debates sobre o tema¹. Mais que uma proposta editorial para os estudos da área, a reunião de artigos que realiza a interface entre feminismos e estudos decoloniais é uma proposta política. Com o título “Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais”, lançada pela editora Bazar do Tempo, em 2020, a organizadora reúne 19 escritoras em 16 artigos que vão descrever experiências de feminismos decoloniais e realizar discussões que fundamentaram debates epistemológicos. Muitas das autoras são conhecidas de pesquisadores e pesquisadoras da área, como é o caso de Lélia Gonzalez, Luiza Bairros e María Lugones, que faleceu em julho de 2020. Além disso, o livro contempla artistas plásticas brasileiras como Adriana Varejão, Rosana Paulino e Marcela Cantuária que expõem suas manifestações artísticas acerca do feminismo e violência contra mulheres em obras de artes.

A interface com os pensamentos e os estudos decoloniais é uma manifestação política no sentido de oferecer visibilidade e reconhecimento público às práticas, identidades e formas de sociabilidades que, por uma questão de poder/ violência, são silenciadas por movimentos hegemônicos e dominação. Assim, nem todas as manifestações feministas contemplaram a diversidade de representações sobre as questões de ser mulher; não raro, mulheres negras, indígenas, suburbanas, refugiadas foram esquecidas pelos debates.

A ideia de reconfigurar as possibilidades de construção do conhecimento a partir da decolonialidade partiu de ações de autores de verve latino-americana ou de países periféricos ao capitalismo que visaram reconhecer povos, grupos, sujeitos e práxis fora do esquadro eurocêntrico, burguês e capitalista. Conforme aponta Walter Mignolo (2010), a proposta decolonial está mais associada a movimentos de fundamentação políticas do que a concepções de epistemológicas. Por esse percurso, em outro estudo, Mignolo aponta que a decolonialidade “es un análisis que pone sobre la mesa otra opción (ni ciencias sociales y humanas, ni marxismo, ni teología de la liberación)”. As práticas do feminismo decolonial seguem iniciativas semelhantes às apresentadas pelo autor e Hollanda (2020a, p. 17) afirma que “o feminismo decolonial denuncia a imbricação estrutural das noções de heteronormatividade, [da] classificação racial e [do] sistema capitalista”.

A discussão decolonial, inclusive dentro do feminismo, não pretende anular as epistemo-

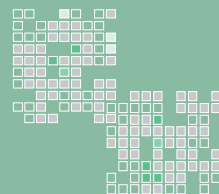
¹ Em 2019, Hollanda (2019a, 2019b) lançou duas coletâneas de textos sobre feminismo, sendo o primeiro abordando conceitos fundamentais e o segundo a formação e os contextos, principalmente a partir de reflexão de autoras brasileiras. Além da obra resenhada, a autora promoveu chamada de trabalhos para compor o livro “Pensamento feminista hoje: sexualidades do sul global” (HOLLANDA, 2020b).



logias construídas até então, mas se presta a proporcionar caminhos mais férteis para propostas analíticas. Em grande medida, a relação entre o pensamento feminismo e os estudos decoloniais se propõe a desenvolver esse panorama mais rico para observar a realidade de mulheres decoloniais e a coletânea organizada por Heloisa Buarque de Hollanda torna-se um inventário desta proposta. Com exceção dos ensaios artísticos e do último capítulo da obra “Feminismos decoloniais e a política e a ética de tradução”, de Claudia de Lima Costa, todos os demais textos já foram publicados em revistas científicas, em anais de eventos ou outras publicações. Entretanto, essa condição não prejudica a qualidade da obra, ao contrário, fortalece a ideia de repensar a produção de conhecimento pelo feminismo e ratifica a necessidade de pensar as identidades e performatividades do feminismo para além das cercas eurocêntricas da branquitude burguesa. A proposta do feminismo decolonial é, conforme a organizadora, rever ações feministas “centradas no Norte Global, que propõem uma noção de igualdade baseada no entusiasmo corporativo pela diversidade, e a proposição de uma ampliação da agenda do feminismo hoje, incluindo e liderando lutas sociais e ambientais contemporâneas” (HOLLANDA, 2020a, p. 13), ou seja, não há uniformidade acerca do entendimento de ser mulher.

Pensar as origens da interface entre as práticas do feminismo e dos estudos decoloniais requer um retorno ao passado para reconhecer o discurso de Sojourner Truth Women’s Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851. Durante o evento, ela toma a palavra e declara aquela que seria uma das sentenças mais marcantes que foram apropriadas pelo movimento feminista: “Eu não sou uma mulher”². Pastora de uma igreja evangélica naquele país e ex-escrava, ela chega a essa conclusão quando percebeu que sua condição de existência e seu histórico não são reconhecidos. Enquanto as mulheres (brancas e burguesas) da sua época eram tratadas com delicadeza e sutileza, a ela eram reservados os açoites e o descaso por ser mulher, negra e submetida à escravidão. Nem mesmo a prática da maternidade lhe foi garantida por que alguns de seus filhos eram comercializados como escravos.

A ideia de Sojourner Truth pode ser considerada um dos primórdios para refletir que os gêneros, enquanto categoria analítica (SCOTT, 1990), não poderiam se ater a signos uniformes ou a realidades e subjetividades hegemônicas; há uma variedade de percepções para além daquelas que foram estruturas pelos paradigmas burgueses que são interseccionadas pela classe, pela raça e por outras questões. Assim, o feminismo decolonial é atravessado por interseccionalidades. Como apresenta Crenshaw (2002, p. 177), a interseccionalidade é “uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação (...) trata da forma como

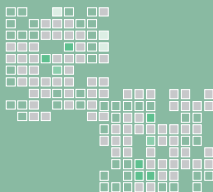


ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento”. Destarte, analisar e reconhecer a performatividade do gênero pela interseccionalidade traz à tona realidades, subjetividades e particularidades que precisam ser debatidas e reconhecidas e o movimento de contemplar a diversidade de representações de mulheres que a coletânea em tela consegue realizar.

Dentre os escritos que se propõe a realizar o movimento de trazer à tona outras realidades e interseccionalidades é o texto escrito por Lélia Gonzalez “Por um feminismo afro-latino-americano”, publicado ineditamente no livro “Mujeres, crisis y movimiento: América Latina y Caribe”, em 1988. Interessante perceber que a necessidade de descolonizar as práticas feministas enquanto propostas de conhecimento é uma ação remota e, desde aquela época, é uma preocupação das feministas que não foram totalmente contempladas pelas ações do movimento. A leitura que Gonzalez faz de movimentos de luta para reconhecimento de liberdade de gênero e sexual, até mesmo racial, nem sempre houve a realização da intersecção entre raça e gênero; nem mesmo na América Latina composta pela diversidade de etnias onde houve também a dominação por parte dos colonizadores que promoveram violência e desumanização dos povos colonizados. Para a autora, a revisão do feminismo pela latini-dade americana enaltece:

(...) o caráter multirracial e pluricultural das sociedades dessa região. Tratar, por exemplo, da divisão sexual do trabalho sem articulá-la com seu correspondente em nível racial é recair numa espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizado e branco. Falar da opressão da mulher latino-americana é falar de uma generalidade que oculta, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito caro pelo fato de não serem brancas”. (Gonzalez, 2020, p. 42)

O posicionamento da autora apresentado no capítulo expande o entendimento acerca das mulheres latino-americanas, bem como valoriza a realidade delas para propor saídas para o enfrentamento da violência, ainda mais aquelas que sofrem renitentemente preconceito e violência física e simbólica. No texto, Gonzalez apresenta reflexões históricas para apontar a perpetuação de preconceitos ao resgatar os modos de compreensão e interpretação estabelecidas ainda no período colonial brasileiro e a distinção feita pelos colonizadores a partir de povos que se diferenciavam dos referenciais eurocêntricos. A necessidade de estabelecer hierarquias e estratificações, mesmo após o período colonial, permaneceu viva nas formas de sociabilidades contemporâneas, bem como a intenção de manter “negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes exploradas, graças a sua forma



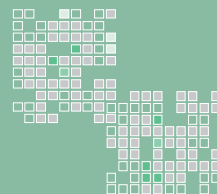
ideológica mais eficaz: a ideologia de branqueamento (...) (GONZALEZ, 2020, p. 43-44). É importante salutar que não apenas as mulheres afrodescendentes estava à marginalização da visibilidade, mas também as indígenas e a relevância de contemplá-las no espaço público. Entre as observações elencadas pela autora para a permanência da hierarquização foi a construção dos discursos pelos meios de comunicação de massa e da ideologia tradicional que violentamente insistem na permanência dos valores burgueses basilares propostos como estratégias de dominação.

Outro destaque que trago ao debate é o texto escrito por María Lugones no capítulo “Colonialidade e gênero”, publicado primeiramente na revista *Worlds and Knowledge Otherwise*, em 2008. Lugones teve o texto “Rumo a um feminismo descolonial” em outra coletânea organizada por Hollanda (2019), que apresenta estratégias para amenizar as estratégias de dominação às mulheres. No texto de 2020, amparado nas ideias de Aníbal Quijano, Lugones reflete sobre a necessidade de descolonização de poder e de saberes e a importância de reconhecer a intersecção entre raça e gênero pelo viés capitalista eurocêntrico e global. A autora, ainda na esteira do pensamento de Quijano, reconhece o quanto a modernidade e a colonialidade de saber construíram dicotomias entre civilizados e selvagens, culto e incultos e, agora, entre mulheres e homens. Além de promover estereótipos, a forma colonial de reconhecer os gêneros não era suficiente para não levar em consideração realidades e particularidades fora do esquadro eurocêntrico. A crítica tecida pela autora reconhece que:

Somente perceber gênero e raça como tramados ou fundidos indissoluvelmente, podemos realmente ver as mulheres de cor. Isso significa que o termo “mulher”, em si, sem especificação dessa fusão, não tem sentido ou tem um sentido racista, já que a lógica categorial historicamente seleciona somente o grupo dominante – as mulheres burguesas brancas heterossexuais – e, portanto, esconde a brutalização, o abuso, a desumanização que a colonialidade de gênero implica. (LUGONES, 2020, p. 60)

A obra não apenas se debruça apenas sobre as questões de raça e classe social dentro da América Latina para debater as representações de gênero, mas traz às discussões a defesa de práticas sustentáveis à ecologia, como o texto “Agroecologia, ecofeminismo e bem viver: emergências decoloniais no movimento ambientalista brasileiro”, escrito por Maria da Graça Costa e o aprimoramento científico no capítulo “Nossos feminismos revisitados”, de autoria de Luiza Bairos.

Para o campo da comunicação, a obra passa a ser leitura imprescindível para a interface entre os saberes decoloniais da comunicação desenhados por Torrico (2016, 2018, 2019)



para promover diálogos entre os estudos de comunicação e de gênero. Assim, ao findar a explanação da obra, é interessante reconhecer a pluralidade e diversidade de assuntos que permeiam a promoção da decolonialidade de representações e práticas feministas, pois perceber a infinidade de atuações e as múltiplas alternativas é promover a visibilidade e a ação política.

Referências

- CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da Discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, pp. 171-188, 2002.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 39-51.
- HOLLANDA, Heloisa B. Introdução. HOLLANDA, Heloisa B. de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020a, p. 11-33.
- HOLLANDA, Heloisa B. (Org.). **Pensamento feminista hoje: sexualidades do sul global**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020b.
- HOLLANDA, Heloisa B. (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019a.
- HOLLANDA, Heloisa B. (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019b.
- LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. HOLLANDA, Heloisa B. (Org.) **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- MIGNOLO, Walter D. Aiesthesis Decolonial. **Calle 14**. La Rioja, v. 4, n. 4, p. 10-25, 2010.
- MIGNOLO, Walter D. Introducción. MIGNOLO, W. D. et al. **El color de la razón: racismo epistemológico y razón imperial**, 2ªed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014, p. 9-18.
- SCOTT, Joan. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 16, n. 2, p. 71-99, 1990.
- TORRICO, Erick. La comunicación en clave latino-americana. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, n.132, pp.23-36, 2016. <https://doi.org/10.16921/chasqui.v0i132.2888>.
- TORRICO, Erick. La comunicación decolonial, perspectiva in/surgente. **Revista Latinoamericana de Ciencia de la Comunicación**, v.15, n.28, p.72-81, 2018. Disponível em: <https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/1150>. Acesso: 25 ago. 2020.
- TORRICO, Erick. Para uma Comunicação ex-cêntrica. **Matrizes**, v. 13, n. 3, p. 89-107, 2019. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i3p89-107>.

Ficha técnica

Título: Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais

Autora: Heloisa B. de Hollanda

Ano: 2020

Editora: Bazar do Tempo

Local: Rio de Janeiro, RJ

Páginas: 397 p.

